

“MENINO NÃO REBOLA!”

DISCURSOS SOBRE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Girlane Martins Machado
Karyne Dias Coutinho

Programa de Pós-Graduação em Educação
Centro de Educação/UFRN

1. INTRODUÇÃO

A constituição de identidades é um tema caro para a educação infantil, sendo as relações de gênero desenvolvidas no ambiente escolar fundantes na constituição de subjetividades das crianças, incidindo diretamente na construção de noções e sentidos sobre seus comportamentos, práticas, jeitos de vivenciarem suas identidades de gênero e sexual.

Quanto a isso, concordamos com Louro (1995a, p.103) na ideia de que “gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais”. Sendo assim, a escola, seus currículos, suas disciplinas, regulamentos e todo protocolo pedagógico que normatiza as práticas e relações de ensino-aprendizagem estão diretamente envolvidos no processo de governamento dos corpos e subjetividades infantis.

As marcas de gênero, através de relações de poder dispersas em diferentes instâncias culturais, como escola, mídia, publicidade, religião, família, engendram modos de ser menina/menino, reproduzindo uma lógica heteronormativa. Cabe salientar que as relações de gênero não constroem apenas feminilidades e masculinidades, seguindo Scott (1995, p.14) gênero é “um primeiro modo de dar significado às relações de poder” e são a partir dessas relações de poder que as representações, estereótipos e identidades subjetivas são fabricadas e entendidas como “naturais” e outras são silenciadas, ocultando a diversidade sexual existente.

Na esteira disso, a justificativa de que a formação docente não “prepara” para o tratamento das múltiplas manifestações acerca relações de gênero e sexualidade na educação infantil não deve mais se sustentar, pois existe uma formação

ocorrendo, inevitavelmente constituída de heterossexismo, estereótipos de gênero e silenciamento da diversidade sexual.

Diante dessa problemática e partindo do contexto de uma escola pública da cidade de Natal/RN/Brasil, especificamente um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), desenvolvemos atividades como professora auxiliar de sala enquanto estagiária do curso de Pedagogia da UFRN durante o ano letivo de 2013. Nesse período, estando em contato com os estudos de gênero e sexualidade através dos estudos feministas, movimentos sociais, grupo de estudos, notícias e teorias, passamos a observar com outros olhos as práticas das educadoras infantis, a interação delas com as crianças e as relações entre as crianças durante esse estágio. Foi como se usássemos lentes que permitiam observar e problematizar os comentários, as atitudes e os discursos referentes às questões de gênero e sexualidade das crianças e das educadoras daquela turma durante o referido ano letivo.

Tendo inspirações nos estudos de gênero, iniciamos por perceber os discursos das crianças e educadoras, com o objetivo de problematizar as noções sobre relações de gênero e sexualidades que foram compartilhadas em uma escola de educação infantil, através da análise dos enunciados, registrados em um diário de campo.

2. LENTES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Compreendendo discurso como “um conjunto de enunciados que se apoiam na mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 1986, p.135), as lentes teórico-metodológicas deste trabalho consistem na análise de discurso de Michel Foucault.

Intentou-se descrever e analisar cada enunciado, como “um acontecimento, que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente” (FOUCAULT, 1986, p.32), sendo assim funções que atravessam falas ou frases, ultrapassando os limites das unidades estruturais da linguagem. Como bem Fisher (2001, p.202) explicita: “Descrever um enunciado, portanto, é dar conta dessas especificidades, é apreendê-lo como acontecimento, como algo que irrompe num certo tempo, num certo lugar”

Nesse trabalho, buscou-se perceber quais eram essas funções, que operam sobre várias unidades, como a fala, frases ou proposições, atentando para a análise das condições que possibilitaram a emergência de tais enunciados. A observação e registro dos enunciados ocorreram nos momentos da preparação e ida ao banho, brincadeira de “faz-de-conta” com adereços e fantasias e momento livre no pátio, onde as crianças brincavam no parque, caixa de areia e/ou nas “motocas”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escola contemporânea não mais opera com manuais que ditam maneiras de se sentar, de se vestir e habilidades domésticas que meninas devem ter, porém continua imprimindo traços de diferenças, que classificam e distinguem crianças em práticas tidas como banais do cotidiano escolar. Louro (1997, p.63) se refere a essas práticas como “práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança”.

Dessa forma, foram registrados alguns enunciados oriundos dos momentos de “faz de conta”, nos quais as crianças utilizam adereços e fantasias e criam cenários imagéticos. Aqui, utilizaram-se amostras de algumas análises e problematizações dos acontecimentos enunciativos, como o seguinte: José (nome fictício) busca pulseiras e se exhibe para a professora, que imediatamente o adverte: “essas pulseiras são para meninas”, mas José parece ignorar essa intervenção e continua experimentando pulseiras e lenços. Percebe-se a preocupação da professora em demarcar os adereços através de uma visão sexista e homofóbica. Qual elemento é temível nessa brincadeira? O fato de uma criança estar transgredindo uma norma sobre ser menino, sem dúvida, inquietou a prática da educadora, porém a resistência da criança em continuar brincando com as pulseiras nos aponta a não naturalidade das escolhas dos meninos por determinados objetos culturais. Sobre essas situações, Louro (p.45, 1997) afirma:

Os meninos também brincam de boneca, levam o bebê para passear de carrinho; brincam de casinha com as meninas e preparam comidinhas saborosas. Estas situações são cotidianas nas creches e pré-

escola, e demonstram que as crianças pequenas ainda não foram totalmente tomadas por uma sociedade heteronormativa, que define um único modelo de feminino e de masculino.

Em outra situação, na qual as crianças com a ajuda das professoras e auxiliares se preparam para o banho na piscina, a professora organiza um desfile, cujas crianças, com seus biquines e sungas, seriam as protagonistas. Nesse momento, Jorge inicia o desfile com as mãos na cintura e todos da sala riem. Logo, a professora diz: “São as meninas que devem pôr a mão na cintura e rebolar, os meninos mostram o muque, nada de rebolar, viu!”. A fala da professora revela a preocupação com a conduta das crianças, de forma que não pareçam afeminados ou sejam chamados de “bichinha” pelos colegas. Segundo Finco (2003, p.4): “as educadoras mantêm a vigilância de modo a garantir o cumprimento das normas sociais que dizem respeito à conduta desejável para cada sexo”.

Assim, constata-se a resistência, transgressão ou não adaptação das crianças ao heterossexismo, como problematizado no enunciado de duas meninas durante o “faz de conta”, quando disseram de mãos dadas: “olha professora, vamos casar e Guga será o filho” ou quando outro enuncia: “vamos brincar de mãezinha”.

Em suma, constatou-se, através da análise de trinta enunciados oriundos dos três situações da rotina da educação infantil observadas (hora do banho, brincadeira do faz de conta e momento livre no pátio), que apesar da intervenção normativa, reforçadora de estereótipos heterossexistas e da lógica binária de gênero menino/menina, as crianças revelam e demonstram interesse e curiosidade por marcas de gênero diversas e brincam com os papéis arquitetados pelos brinquedos, brincadeiras e situações mediadas pelas educadoras. Dessa maneira, é necessário que educadores problematizem situações relacionadas as práticas pedagógicas referentes à formação de papéis de gênero, que muitas vezes fabricam opressões entre as crianças, como sexismo, machismo e homofobia. Sintetizando, Louro (2008, p.28-29) afirma:

Escola, currículos, educadoras e educadores não conseguem se situar fora dessa história. Mostram-se, quase sempre, perplexos, desafiados por questões para as quais pareciam ter, até pouco tempo atrás, respostas seguras e estáveis. Agora, as certezas escapam, os modelos mostram-se inúteis, as fórmulas são inoperantes. Mas é impossível estancar as

questões. Não há como ignorar as “novas” práticas, os “novos” sujeitos, suas contestações ao estabelecido.

4. CONCLUSÕES

Não é mais admissível que as práticas pedagógicas legitimem os destinos e restrições que meninas e meninos devem assimilar para suas vidas. Cabe refletir que assim, como a escola, o currículo, reproduzem culturas, modos de ser, nós, educadores, somos ativos nesse processo e nos cabe a responsabilidade de reiterar ou transformar determinadas noções e certezas relacionadas aos modos de ser e conviver com as mais diversas identidades de gênero e sexuais, com a finalidade de não marginalizar as diferenças e perpetuar as desigualdades de gênero e silenciamento da diversidade sexual.

REFERÊNCIAS

LOURO, Guacira Lopes (1995a). **Educação e gênero**: a escola e a produção do feminino e masculino. In: SILVA, L.H. & AZEVEDO, J.C. (org) Reestruturação curricular: teoria e prática no cotidiano da escola. Petrópolis: Vozes, 1995a.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, história e educação**: construção e desconstrução. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 20, n.2, pp.101-132, jul/dez, 1995b.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FINCO, Daniela. **Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil**. Proposições, vol.14, n.3 (42), set./dez., 2003, p.89-99.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.114. nov. p.197-223, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Revista Educação & Realidade, v.20, n.2, p.71-99, jul/dez, 1995.